

MODELOS FUNCIONALISTAS E MODELOS GERATIVISTAS: LIMITES E CONTRIBUIÇÕES PARA A TIPOLOGIA LINGUÍSTICA

Ricardo Joseh Lima
(UERJ)

Marina R.A. Augusto
(UERJ)

Possible and Probable Languages, de F. Newmeyer, problematiza a relação entre tipologia linguística e a possibilidade de suas características e generalizações poderem ser capturadas e explicadas por modelos teóricos formais e/ou funcionalistas. Organizado em cinco capítulos, precedidos de um prefácio e seguidos por um breve posfácio, a obra apresenta o argumento de seu autor, construído a partir de uma vasta literatura tanto de base formal quanto funcional, traz críticas contundentes e tem como principal objetivo delimitar o papel e a contribuição de cada arcabouço teórico para a principal questão levantada, qual seja, a de determinar para além das línguas possíveis, o que seria uma língua provável.

No primeiro capítulo, o autor esclarece como a distinção entre línguas possíveis e prováveis é relevante para a questão da tipologia linguística e menciona que a preocupação em caracterizar a noção de línguas possíveis foi, desde sua concepção, o objetivo explícito da teoria gerativista, embora também seja alvo de interesse para as teorias funcionalistas. No entanto, Newmeyer enfatiza que duas questões cruciais devem ser levantadas: (a) quais traços podem ser considerados *necessariamente* universais ou ausentes universalmente devido às características de nossa pre-programação biológica? e (b) quais traços são *acidentalmente* universais ou estão incidentalmente ausentes universalmente devido ao fato de que fossem as gramáticas organizadas diferentemente, a comunicação (ou o uso) seria menos eficiente de algum modo? As escolhas metodológicas de formalistas e de funcionalistas para lidarem com as generalizações tipológicas são distintas. Funcionalistas buscam explicações baseadas no uso para explicar porque há mais línguas apresentando certa organização em detrimento de

outra, presente em um número menor de línguas. Formalistas, por outro lado, costumam prover um princípio da UG (*Universal Grammar*) que a maioria das línguas demonstra obedecer, enquanto que a minoria das línguas que não parece obedecer ao princípio é tratada por meio de uma regra específica ou um sub-princípio. Para demonstrar claramente as distinções entre as abordagens, Newmeyer retoma o debate travado entre Comrie e Coopmans na década de 80 e conclui que a pesquisa de orientação gerativista precisa reorientar seu foco de atenção para além de explicações baseadas na UG.

No capítulo 2, Newmeyer se propõe a analisar o principal meio que o Gerativismo utiliza para lidar com generalizações de tipologia, qual seja, a parametrização de princípios universais. Para tanto, o autor aborda o período anterior à proposta do modelo de Princípios e Parâmetros (P&P), a concretização desse modelo na Teoria da Regência e Ligação (TRL) e sua relação com o Programa Minimalista (PM), a fase mais recente do Gerativismo. Na fase anterior ao modelo de P&P, a preocupação com generalizações tipológicas não era central uma vez que se entendia que para abordar esse tema seria necessário antes conhecer em profundidade várias línguas de modo independente. Na fase da TRL, a idéia de que as diferenças entre as línguas se devem a marcações paramétricas distintas foi colocada em prática, como na proposta do Parâmetro do Sujeito Nulo (Chomsky 1981, Rizzi 1982). Em relação ao PM, Newmeyer analisa a proposta inicial de capturar diferenças entre as línguas através da distinção entre traços fracos e fortes, mas se concentra na ausência explícita de comprometimento dessa fase do Gerativismo com generalizações tipológicas, havendo dois motivos para isso: a alteração na arquitetura da gramática, sem estrutura-D e -S, que apenas aponta mecanismos para trabalhar generalizações, não sendo portanto uma arquitetura propícia a elas; e uma provável incompatibilidade do PM com o modelo de P&P, uma vez que o papel da UG é considerado de modo bastante reduzido tendo como consequência uma maior dificuldade na visualização de possíveis parâmetros.

O Capítulo 3 tem como objetivo atacar a visão da abordagem paramétrica de gramática e a idéia de que é tarefa da UG dar conta de generalizações tipológicas. À abordagem de P&P, será apresentada uma alternativa que propõe a seguinte estrutura para a gramática: princípios não-parametrizáveis da UG, regras particulares de línguas e princípios extra gramaticais, sobre os quais recai a tarefa de explicar as generali-

zações tipológicas. Newmeyer lista oito características do conceito de parâmetro e critica cada uma delas apontando seus problemas, como por exemplo, o caso da ordem Substantivo-Adjetivo no Francês e no Inglês que é analisado como sendo problemático para a visão de que parâmetros devem ser descritivamente simples, uma vez que esse caso e sua descrição contêm complexidades que se assemelham às de regras particulares de línguas. Para embasar sua abordagem alternativa, Newmeyer divide as generalizações tipológicas em três tipos: as absolutas (“todas as línguas (não) têm a propriedade X”), implicacionais (“se uma língua tem a propriedade X, tem a propriedade Y”) e de frequência relativa (“75% das línguas têm a propriedade X”). O autor argumenta que apenas a primeira diz respeito à UG enquanto as demais se situam no âmbito do desempenho. Para o autor, portanto, generalizações tipológicas não são um assunto de competência, logo de UG. Os princípios extra gramaticais que dão conta dessas generalizações são expostos por Hawkins (1994, 2004) e enfatizam a baixa complexidade das gramáticas e a eficiência do processamento. São eles: Minimização de Domínios, Minimização de Formas e Maximização de Processamento *on-line*.

As críticas apresentadas no capítulo 3 à abordagem formalista para o tema da tipologia podem levar a se pensar em substituir essa abordagem por outra, que leva em conta apenas o desempenho para dar conta do tema e de fatos gramaticais. No capítulo 4, Newmeyer vai atacar esse pensamento ao defender a visão saussureana (e chomskyana) de que conhecimento linguístico deve ser separado de uso e de que o uso e a frequência não estão codificados na gramática mental. Teorias baseadas em uso têm sido difundidas recentemente e adotadas por funcionalistas e linguistas cognitivos. As descobertas de que a gramática é parcialmente motivada por pressões de uso e de que a frequência pode desempenhar um papel importante na mudança fundamentam essas teorias. Entretanto, Newmeyer argumenta que isso não é suficiente para se desfazer da distinção entre forma e função. Uma das discussões centrais do capítulo diz respeito à disparidade entre o que a gramática formal gera e os enunciados que existem de fato. A respeito destes, nota-se que é raro que a estrutura argumental esteja sempre totalmente presente; com isso, não seria necessário estipular que a estrutura argumental completa está representada na gramática mental. Newmeyer argumenta que essa visão, baseada na frequência, não dá conta das línguas possuírem um comportamento sintático que só é

explicado levando-se em conta a estrutura argumental completa. Outra discussão do capítulo gira em torno do papel da comunicação na montagem da gramática. A existência de ambiguidades, a inexistência de determinadas construções que atenderiam as necessidades dos falantes e observações a respeito da evolução da língua, que privilegiam uma primeira etapa puramente conceitual para somente depois passar para uma etapa comunicativa, são fenômenos e fatos que o autor levanta a favor da idéia de que a gramática mental deve ser caracterizada independentemente de questões de uso.

No último capítulo, Newmeyer aborda as visões distintas da relação entre forma e função: modelos funcionalistas atomistas (que se assentam sobre “a direct linkage between properties of particular grammars and functional motivations for those properties” (p. 174)) e os holísticos (para os quais “no direct linkage between external functions and grammatical properties” (p. 175) é assumido), defendendo que dados de mudança linguística favorecem a segunda visão. Ao se atribuir uma motivação funcional diretamente à mudança, verifica-se, a partir de dados diacrônicos vários, que há generalizações que ultrapassam a utilidade funcional, que pode haver consequências disfuncionais e, ainda, que distintos princípios com motivação funcional competiriam entre si. Para Newmeyer, essas observações favorecem uma visão funcional não-atomista, mas holística, o que o leva a levantar várias objeções mesmo em relação a arcabouços como o da Teoria da Optimalidade, para o qual a questão da tipologia linguística é central.

Em suma, Newmeyer assume que pressões de uso, no sentido exposto por Hawkins (op. cit.), isto é, a necessidade de se agilizarem os processos de produção e compreensão da linguagem, não resultam em influências diretas na gramática das línguas, mas influenciam o seu uso, a aquisição e conseqüentemente a mudança linguística, refletindo assim preferências tipológicas. Nesse sentido, ele reconcilia os paradigmas formal e funcional em relação ao tema da tipologia linguística, uma vez que a visão formal de sistema estrutural deve ser mantida, pois não há como traçar, sincronicamente, relações diretas entre este e pressões de uso, conforme defendem os adeptos de modelos funcionalistas atomistas. A visão holística, por outro lado, permite dar conta das tipologias linguísticas por meio da noção de uma influência indireta, que se faz notar no uso, na aquisição e conseqüentemente nas mudanças linguísticas que acabam por caracterizar uma dada língua.

A construção de modelos tipológicos, portanto, segundo essa abordagem, não pode prescindir da análise baseada em pressões de uso, nem tampouco de análises baseadas no conhecimento gramatical, uma vez que nem sempre as pressões de uso estão claramente expostas na configuração de determinadas estruturas. Por fim, a obra que Newmeyer nos apresenta é de interesse tanto para formalistas quanto para funcionalistas. Além da riqueza de conteúdo, com o qual Newmeyer lida habilmente, a questão apresentada é desafiadora e as respostas oferecidas, inovadoras e claras, e certamente colocam em questão a distância que separa formalistas e funcionalistas.

REFERÊNCIA

NEWMAYER, Frederick J. *Possible and probable languages: a generative perspective on linguistic typology*. New York: Oxford University Press, 2005. 278 p.